

POLIDEZ COMO OPÇÃO: O ANALISTA DE BAGÉ NO DIVÃ

Yves Figueiredo de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Cariacica, Espírito Santo, 29145-831, Brasil
lpyves@yahoo.com.br

RESUMO

Sob as perspectivas teóricas pragmáticas de Grice (1982) e Lakoff (1973), este trabalho analisa a ruptura das regras que compõem o Princípio da Polidez, de Lakoff (1973), buscando efeito humorístico em uma sequência narrativa em quadrinhos do personagem Analista de Bagé, do escritor gaúcho Luís Fernando Veríssimo. Para averiguar a ocorrência dessa ruptura, visitamos a obra “O Analista de Bagé em Quadrinhos”, do mencionado autor, enfatizando o texto/crônica “O megalômano de Carazinho”.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No percurso de sua vida em sociedade, a humanidade sempre buscou formas de aceitação no processo interacional entre indivíduos. Essas formas geralmente se dão por polidez e são ações recíprocas geralmente respeitadas, a fim de melhorar a vivência em comunidade e comunicabilidade entre os membros do grupo social. Entretanto, em alguns espaços, entre eles os textos humorísticos, nota-se uma ruptura em relação à polidez como forma de assegurar o teor cômico. É assim nas piadas, tirinhas, crônicas, narrações engraçadas, entre outros gêneros. Como aporte teórico para este estudo, utilizaremos os princípios da polidez de Lakoff (1973).

Para averiguar a ocorrência dessa ruptura, visitamos a obra de Luís Fernando Veríssimo “O Analista de Bagé em Quadrinhos”, enfatizando o texto/crônica “O megalômano de Carazinho”. A mencionada obra em quadrinhos é fruto de uma parceria entre o autor e o cartunista Edgar Vasques.

Neste livro podemos encontrar várias histórias bem-humoradas protagonizadas pelo personagem central, o Analista de Bagé, psicanalista freudiano gaúcho de linha ortodoxa, que com sua técnica científica aliada à sabedoria popular, atende seus pacientes de forma pitoresca e nem sempre polida.

As crônicas referentes às histórias do mencionado personagem foram veiculadas em jornais de várias cidades brasileiras na década de 80. Posteriormente, em 1983, ganharam uma versão em quadrinhos, sendo incorporada às páginas das edições da revista Playboy entre 1983 e 1992.

2. O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO E A MÁXIMA DA POLIDEZ

Paul Grice (1982) afirma que nossos diálogos são esforços cooperativos, isto é, a sequência de informações contida na conversa não é desconexa e faz sentido a partir do momento em que os participantes reconhecem um propósito e se esforçam para compreender o que foi dito. Nesse sentido, a conversa é tida como um acordo prévio tácito entre os falantes.

Dessa forma, Grice propõe o Princípio da Cooperação, que orienta: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.” (GRICE, 1982, p. 86). A partir

daí, o referido autor desenvolve quatro categorias que regem os participantes de uma conversação, a saber¹:

I. QUANTIDADE

- Sua contribuição deve conter a quantidade de informação necessária (informatividade);
- Sua contribuição não deve conter mais informação do que a necessária (exaustividade).

II. QUALIDADE (SINCERIDADE)

- Não afirme aquilo que você não acredita que seja verdadeiro;
- Não afirme aquilo que você não pode provar.

III. RELAÇÃO (PERTINÊNCIA) – Seja relevante.

IV. MODALIDADE (INTELIGIBILIDADE)

- Não se expresse de maneira obscura;
- Não se expresse de maneira ambígua.

Entretanto, essas máximas podem ser violadas, gerando implicaturas, que são significados adicionais ao que foi dito. O ouvinte, nesse caso, precisa fazer inferências, um esforço maior, para compreender o que está implícito.

Esse fato não é visto negativamente, uma vez que as implicaturas fazem parte da conversação e elas podem dar destaque a elementos já conhecidos na linguagem como a ambiguidade, ironia, metáfora, entre outros.

3. LAKOFF E O PRINCÍPIO DA POLIDEZ

Em 1973 Robin Lakoff publica a obra *Language and Woman's Place*, importante referência nos estudos linguísticos referentes ao gênero. Nessa obra a autora verifica a existência de diferenças sensíveis importantes entre fala/comportamento masculino e feminino.

Assim, propõe o Princípio da Polidez, preceitos determinantes que direcionam os interlocutores a agirem com polidez, a saber¹:

- 1) Regra da formalidade: Não imponha; mantenha sua distância.

¹ PAVEAU, M. A. & SARFATI, G. E. As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática (Trad. Rosário Gregolin et al). São Carlos: Claraluz, 2006.

- 2) Regra de respeito: Dê opções; permita a outra pessoa falar.
3) Regra de camaradagem: Seja amigo; mantenha a camaradagem.

A autora afirma que nós temos um modo natural de falar, mas as regras servem para orientar nossa conversa de modo apropriado de acordo com o momento, nos mostrando boas pessoas. É claro que o uso das regras não é inconsciente e sem propósito. Sempre se fala com um objetivo. O modo como conversamos é que constitui nossa imagem e é básico para que formemos impressões de cada um.

4. O ANALISTA DE BAGÉ NO DIVÃ

O personagem de Luís Fernando Veríssimo não possui um nome específico e é conhecido apenas como Analista de Bagé. De caráter íntegro e com posicionamentos fortes em relação a temas tabus, estereótipo do cidadão tipicamente gaúcho, o personagem atende seus pacientes na maioria das vezes de forma descortês, sendo que suas atitudes acabam por gerar no leitor um efeito de humor.

O personagem é caracterizado como freudiano ortodoxo, “mais ortodoxo que caixa de maizena”², porém seus métodos diferenciados de tratamento podem ser questionados. Prefere atender os casos difíceis, já previamente selecionados por sua prestimosa secretária Lindaura, sob a alegação de que “cavalo manso é pra ir na missa”³.

Entre seus métodos alternativos, e uma das razões de seu sucesso profissional, está a Terapia do Joelhaço, aplicada em caso de depressão em pacientes homens, “pois em mulher só se bate pra descarregá (sic) energia”⁴. A técnica consiste em dar um golpe com o joelho na barriga do paciente. Em seguida ele é conduzido ao famoso divã recoberto com pelego tradicional onde começa a ser analisado. Após realizar um reforço positivo em resposta aos problemas enfrentados pelo paciente, o analista pergunta se o que ele sente afinal é pior que o joelhaço ganhado.

Com esse comportamento masculino estereotipado, representando o típico macho rude atrelado a seu comportamento nada convencional para um psicanalista, o personagem de Veríssimo atrai a simpatia do público masculino, razão esta, entre outras, que possibilitou a inserção das histórias em uma importante revista masculina brasileira (Playboy), local em que fizeram sucesso durante os anos de 1983 e 1992.

Os quadrinhos analisados são ricos em detalhes, mas sem exageros, concretizando no desenho a imagem do sisudo psicanalista e seus exóticos pacientes. Segundo Lins (2002), o humor das tiras de quadrinhos está exatamente na junção do código verbal com o código não-verbal, já que representam interações, em que a encenação e o comportamento dos personagens permitem ao leitor ler e visualizar, buscando o humor próprio de cada personagem.

² VERISSIMO, Luis Fernando. Todas as histórias do analista de Bagé. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p.23

³ VERISSIMO, Luis Fernando. Todas as histórias do analista de Bagé. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p.23

⁴ VERISSIMO, Luis Fernando. Todas as histórias do analista de Bagé. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p.15

Os quadrinhos analisados não se encaixam propriamente no formato de tiras, mas em uma sequência narrativa completa ocupando quatro páginas, distribuída em 35 quadros. Contudo, dão a dimensão exata da sucessão de acontecimentos que compõem a história narrada, que consiste no tratamento de um homem conhecido apenas como Megalômano de Carazinho que apresenta sinais claros de megalomania, isto é, distúrbio psicopatológico em que ocorre a superavaliação mórbida de si mesmo.

5. POLIDEZ COMO OPÇÃO: RAZÃO DO RISO

Tomando por base o Princípio da Polidez de Lakoff (1973), notamos que, longe do comportamento de um médico psicanalista formal, o Analista de Bagé, rompe as regras propostas pela autora.

De início, vemos que a regra de formalidade não é respeitada quando o paciente chega para ser atendido pela primeira vez, ao que tudo indica. O diálogo inicial entre médico e paciente, que em ocasiões normais deveria ser regido pelos princípios da cordialidade e simpatia, já começa em tom intimidador (p. 18).

Figura 1



A quebra da primeira regra proposta por Lakoff provoca um efeito de humor justamente pelo fato de a relação de poder e status que deveria existir entre os dois é violada. O ato socialmente aceitável, pelo próprio distanciamento social, consistiria primeiramente em cumprimentar o paciente e convidá-lo a adentrar ao consultório. O tom de imposição também colabora para a quebra desta primeira regra. O paciente, igualmente grosseiro e agressivo, se mostra resistente às ordens do analista, promovendo uma situação constrangedora para ambos. Porém, como já conhecemos o perfil machista e autoritário do Analista de Bagé, tal situação se torna divertida.

A segunda regra desenvolvida por Lakoff se refere ao respeito, em dar possibilidades ao interlocutor de aceitar ou negar a fala apresentada a ele, sem colocá-lo em situação vexatória.

Na sequência abaixo, flagramos o psicanalista em uma atitude nada convencional para um especialista. Primeiro porque agride o paciente na tentativa de convencê-lo a falar o motivo pelo qual o procurou. Em seguida, diante da contínua resistência do indivíduo, o Analista de Bagé viola a segunda regra de polidez, quando não oferece alternativas ou opções ao seu cliente. Sentindo-se coagido pelo tom ameaçador e não tendo outra opção, o paciente acaba revelando a verdadeira razão de estar ali.

Mais uma vez a violação da regra de polidez proporciona ao leitor um teor humorístico sutil, uma vez que a situação já beira o *non sense* em relação ao trato médico/paciente.

Figura 2



A terceira regra de polidez que Lakoff assera diz respeito à camaradagem, isto é, na medida do possível, criar condições para que o seu interlocutor se sinta bem.

Nos quadrinhos abaixo vemos que o analista pouco se preocupa com a criação de um ambiente socialmente confortável do ponto de vista interacional. Ao fim da sessão, o paciente termina embaixo do divã. Ao que tudo indica, situações parecidas são rotineiras, uma vez que sua secretária é orientada para agir de acordo com as circunstâncias (p. 20). Ao sinal de mobília quebrada a secretária tem ordens para entrar no consultório.

O desprendimento do profissional ao não se preocupar com a relação amigável entre eles revela sua face extremamente intolerante, pois não faz uso de nenhuma forma de polidez ao se expressar. A expressão fisionômica retratada não revela sentimentos de amizade e cordialidade, resultando no efeito risível da situação.

Figura 3



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise pragmática de quadrinhos proporciona uma visão clarificada do comportamento dos falantes no ato interacional. A relação linguística e extralinguística presente nesses quadrinhos dão a dimensão da riqueza desse material enquanto locus de representação social.

A observação do personagem Analista de Bagé permitiu a verificação de sua total despreocupação em relação à polidez no trato com os pacientes. A tônica machista marcante, por meio do discurso autoritário, atrelado às feições agressivas dos traços das ilustrações, além, é claro, da quebra das três regras de polidez estudadas por Lakoff, evidenciam que as formas polidas de tratamento e interação social não fazem parte do cotidiano do personagem.

E é exatamente nesse ponto que observamos a formação do efeito de humor. Por meio do tratamento descortês dispensados aos seus clientes, ou seja, das quebras das regras de polidez, rimos e nos identificamos com as mais inesperadas e absurdas situações, do ponto de vista ético, que nos são apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] GRICE, Paul H. Lógica e conversação. In DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Pragmática. Campinas: 1982. v. 4.
- [2] GUIMARÃES, Sílvia Bragato. A (im)polidez em piadas in *A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. LINS, Maria da Penha Pereira & CARMELINO, Ana Cristina (Orgs.). Vitória: PPGEL/UFES, 2009, p. 127-143.
- [3] LAKOFF, Robin. Language and woman's place. *Apud* GUIMARÃES, Sílvia Bragato. A (im)polidez em piadas in *A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. LINS, Maria da Penha Pereira & CARMELINO, Ana Cristina (Orgs.). Vitória: PPGEL/UFES, 2009, p. 127-143.
- [4] LINS, Maria da Penha Pereira. Os atos de fala de (des)cortesia nos quadrinhos in *A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. LINS, Maria da

Penha Pereira & CARMELINO, Ana Cristina (Orgs.).
Vitória: PPGEL/UFES, 2009, p. 94-112.

- [5] _____. *O humor em tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafer, 2002.
- [6] *O Analista de Bagé*. Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Analista_de_Bagé>. Acesso em: 08 de fevereiro 2010.
- [7] PAVEAU, M. A. & SARFATI, G. E. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática* (Trad. Rosário Gregolin et al). São Carlos: Claraluz, 2006.
- [8] PEREIRA, Joseane Serra Lazarini. *Poder e polidez nos quadrinhos uma análise pragmática da personagem Jandira*. Em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/13/14.htm>> Acesso em 08 de fevereiro de 2010.
- [9] VERISSIMO, Luis Fernando. *Todas as histórias do analista de Bagé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- [10] _____. *O Analista de Bagé em Quadrinhos*. Desenhos: Edgar Vasques. Porto Alegre: L&PM, 1983.

ANEXOS

